

# PREFÁCIO

As cidades vivem da memória, que precisamente as constitui. Sem memória que as unifique, temos ruas e praças, lojas e fábricas, templos e palácios até... Mas tudo no plural, senão a esmo, sem uma designação que o entrelace, dando-lhe nome e sentido.

Alguns aglomerados modernos, mundo além, aparecem-nos monótonos e tristes, por não serem conjuntos orgânicos, mas simples expedientes suburbanos. Nem os seus habitantes são vizinhos, pois não os liga uma pertença; nem os visitantes o são deveras, pois não há “algo” a visitar.

Não assim o Porto, o nosso Porto, entre a Sé e a Ribeira e o muito mais em que se alargou. É um “porto”, realmente, como o foi para que acontecesse. Mas também abrigo e terra, porque chão definido por vidas (con)vividas, que lhe deram fundura, lastro e aconchego.

Por isso tem rosto próprio e não se confunde com mais terra nenhuma. Como já ouvi: “O Porto é o Porto; outras são de quem as apanhar...”. Não as desmereço, pois também há honra nas larguezas, mas sublinho a identidade portuense, tão patente e reconhecida.

Reconhecida e em atual valorização, de obra e espírito. Ano após ano, seguem-se recuperações no centro histórico, mais atendido e visitado por nacionais e estrangeiros. Ouvem-se aspirações e projetos, no sentido da sua reocupação fixa ou temporária. E o mesmo se diga doutras zonas da cidade, em que o núcleo inicial se desdobrou, ou a que se ligou a pouco e pouco, num Porto maior, mas sempre Porto.

Os trabalhos de Germano Silva têm contribuído muito, primeiro em jornal depois em livro, para a “recuperação” da cidade por naturais

e forasteiros. O seu pessoalíssimo caso é um dos mais generosos e convincentes exemplos do poder da memória e do afeto para a perpetuação da cidade como corpo vivo e senhor de si. Também para o seu progresso: para seguir em frente, continuando ela mesma.

Já o tive por guia de muitas ruas e nomes; e é bem diferente “ouvir” do que apenas ler a cidade que foi. Germano Silva, com os seus primaveris oitenta, é uma das vozes mais convictas e convincentes que o Porto felizmente tem.

Grato sempre,

Manuel Clemente

# AO JEITO DE INTROITO

O autor deste livro, embora com mais de meio século de exercício da profissão de jornalista, atividade que o obrigou, se assim se pode dizer, a abordar matérias sobre os mais diversos setores da vida, desde o cultural ao científico, passando pelo jurídico e pelo económico, não sente que, apesar disso, se tenha especializado em alguma coisa. Não é especialista em nada. Nem em História, embora a esta matéria tenha dedicado, e continue a dedicar, o melhor do seu saber.

Sou, portanto, um simples jornalista. Mas um jornalista atento ao que vê, ao que ouve, ao que presencia e ao que lê. E foi através da leitura da obra do portuense ilustre que foi Ramalho Ortigão que ganhei o gosto de divulgar os valores humanísticos, culturais, arquitetónicos e históricos da cidade do Porto, mas também o interesse de pugnar pela sua defesa e preservação – sempre que as circunstâncias assim o permitissem.

Eu explico.

Quando me iniciei na profissão, os mestres eram os chefes de Redação. Não havia escolas de jornalismo nem esta matéria fazia parte dos cursos secundários e muito menos dos que se ministravam nas faculdades.

Tive o privilégio de ter sido orientado, nos meus primeiros passos de estagiário, pelos melhores profissionais que nos idos anos de 50 chefiavam a Redação do *Jornal de Notícias*, onde comecei a profissão e onde estive ininterruptamente em atividade durante quarenta anos e onde, orgulhosamente, continuo – agora como simples colunista.

Além de profissionais de grande gabarito, os chefes de Redação que conheci, e a quem fiquei a dever a minha formação jornalística, eram, simultaneamente, homens de uma envergadura cultural fora do

comum, muito experientes, viajados, de uma enorme abertura ao diálogo e sempre disponíveis para encontrarem consensos e equilíbrios, quando as divergências surgiam.

Pois foi um desses velhos camaradas (era assim que eles exigiam que, mesmo os mais novos, os tratassem) que um dia me aconselhou a ler a obra do Ramalho Ortigão, especialmente *As Farpas*, que constituíam, segundo ele, um curso completo de jornalismo.

E foi na leitura de uma das obras do Ramalho que me deparei com um trecho que nunca mais esqueci. Tinha a ver com o Porto. Era este:

*“A destruição das portas de muralhas, belos arcos na maior parte ogivais, com que tanto se enobreciam algumas das nossas velhas cidades, tem sido a grande preocupação vesânica das municipalidades modernas, absolutamente ignorantes, ao que parece, das gloriosas tradições locais de que esses monumentos eram o testemunho autêntico e sagrado. Dentro dessa categoria de delinquentes será difícil disputar o primeiro lugar da série patológica à cidade do Porto – onde todos os arcos das muralhas foram, implacavelmente, deitados abaixo.”*

A leitura desta prosa de Ramalho Ortigão comoveu-me. No tempo em que o li ainda se faziam grandes obras no cimo do morro da Pena Ventosa, ao redor da catedral, mais propriamente no desaparecido Largo do Corpo da Guarda. Demoliam-se velhos solares, abatiam-se torres amealhadas, eliminavam-se casas antigas, dos séculos XV e XVI, com um único propósito: criar espaços mais amplos.

E valeria a pena tanta destruição? Compreendo que, em certos setores da cidade, as exigências da vida moderna não se coadunassem com as anquilosadas estruturas medievais do antigo burgo. Uma ou outra porta da muralha fernandina teria mesmo de ser sacrificada. Também admito que não haveria razão para se manter de pé este ou aquele solar, esta ou aquela casa antiga. Mas, que diabo, não se poderia ter mantido uma ou outra dessas estruturas, mesmo que fossem reconstituídas em locais mais desafogados?

Pois, mas não era assim que pensavam os edis da época. E tudo foi arrasado. Das muitas portas que havia abertas no perímetro do velho muro gótico, nem uma só ficou de pé para sabermos hoje como eram.

Ramalho Ortigão, que ainda havia de escrever, posteriormente, uma comovente carta aos governantes do seu tempo, solicitando-lhes que não caíssem no erro de permitir a demolição da igreja do mosteiro de S. Bento da Ave Maria, o que, infelizmente, veio a acontecer; Ramalho, ia eu a escrever, com aquela sua prosa, incentivou-me a estudar mais profundamente a história do Porto e a colocar-me na primeira fila da defesa dos seus valores culturais, artísticos e históricos.

É isso que tenho tentado fazer com a crónica “À descoberta do Porto”, que semanalmente publico nas páginas do *Jornal de Notícias* e que, de há doze anos a esta parte, tenho vindo a reunir em livro.

Não são livros de História, na pura aceção do termo. São histórias através das quais eu procuro sensibilizar os leitores, em particular, e os portuenses, de uma forma geral, para os valores patrimoniais e históricos da nossa cidade na convicção de que, sabendo que a rua onde vivem tem uma história que os lisonjeia, isso ajudá-los-á a cuidar mais do lugar onde moram e a lutar pela preservação da sua memória. Os indicadores que chegam garantem-me que esses objetivos estão a ser atingidos.

Este é o décimo volume da série com as crónicas do JN. Nele dou continuidade a histórias do velho burgo portugalense.

Porto, setembro de 2011